

Stop the pigeon

Os pombos somos nós, quando nos contentamos com as migalhas da existência, quando pensamos «antes isto do que nada» e nos curvamos ao poder das aves maiores.

Cada pombo nasce como branca e etérea pomba; a engrenagem social e o ambiente urbano transformam-no em pombo de ninho, depois materno, primário, básico, secundário, universitário e por fim imundo pombo adulto citadino.

Há 6000 anos os seres humanos consideravam os elementos naturais, e em particular os animais e os insectos, não diferentes dos humanos, mas como manifestações dos antepassados: totens dotados de características especiais e, nalguns casos, mágicas.

Após a invenção da agricultura e da pastorícia, o homem começou a considerar-se acima dos outros seres; ao longo dos séculos seguintes até hoje, os animais foram usados, utilizados, explorados para diversos fins, da alimentação (descubro até a existência do presunto de pombo de Carlo Giusti) à companhia, do trabalho à guerra — veja-se por exemplo a história do pombo Cher Ami, empregado pela 77.^a divisão de infantaria norte-americana, Signal Corps —, acontecimento que de algum modo justifica para muitos, mesmo para os habitantes das cidades, a própria existência dos pombos e explica a sua vinda à terra, o seu propósito enquanto criaturas multidimensionais, espectros incorpóreos impossíveis de agarrar, alienígenas capazes de se reproduzirem através de uma auto-explosão kamikaze que deixa o corpo do pombo velho em parte disperso e em parte mastigado na estrada, e um novo corpo de pombo jovem a planar pelos céus da cidade.

Note-se que na cidade ninguém alguma vez viu crias de pombo, que ninguém comeria jamais um pombo de cidade, ao passo que os pombos de cidade comem tudo o que encontram.

Talvez também por uma destas múltiplas razões se tenham começado a ver ultimamente pombos e outros animais a fazer-se de humanos, e vice-versa.

Encontra cada vez mais adeptos uma espécie de zoolatria às avessas, na qual a mutação rumo ao animal desumano representaria o regresso à natureza.

Pombos burocratas vestidos de funcionários do nosso sistema em decomposição, conformistas arrumados que citam artigos acabados de ler, zelosas engrenagens inconscientes do sistema, seres cujo único fim é alimentar o sistema ao qual se agarraram para sobreviver; comem as migalhas do poder e cagam ladainhas de lamentos.

São uma mistura terrível entre os vogons de Douglas Adams e os burocratas de Dostoiévski, em triplicado, empenhados em obstruir constantemente a passagem dos outros.

Piam, balem, grunhem, roncam e gritam, todos juntos em uníssono, tentando defender a honra do passado dos antepassados falecidos.

Entretanto, por causa deles, do céu chove merda.

Os pombos — em dialecto piemontês «i piciu», em lombardo «i pirla», epítetos que designam também os estúpidos, os parvos e o órgão genital masculino, como aliás as aves em geral — são uma metáfora do género humano de hoje, o que não pensa; mas são também animais mágicos que arrulham amorosamente e nos olham com ar interrogativo, talvez simplesmente os nossos antepassados: silenciosos observadores voadores.

Um poema de Montale diz:

Prima di chiudere gli occhi mi hai detto pirla
una parola gergale
non traducibile
Da allora
me la porto addosso
come un marchio che resiste alla pomice
Ci sono anche altri pirla nel mondo
ma come riconoscerli?
I pirla non sanno di esserlo
Se pure ne fossero informati
tenterebbero di scollarsi
con le unghie
quello stimma.

Alguns homens transformaram-se, de tal modo que as cabeças de pombo invadiram as grandes cidades; outros, como Giuseppe Belvedere (Monsieur Pigeon), cuidam dos pombos para abraçar a sua parte mais humana.

Em todo o caso somos todos imparáveis pombos.

Luca Motolese

motolese.com — Texto original em italiano